



ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DAS MULHERES NO ARTESANATO: CONSTRUINDO CAMINHOS ENTRE EDUCAÇÃO E ARTESÃS

Márcia Regina Becker - UNISINOS

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em Educação que está em fase inicial e que tem como objetivo principal conhecer mulheres artesãs na Região Metropolitana de Porto Alegre que trabalhem no campo do artesanato a fim de identificar problemas de ordem educacional, social, econômica e dentre outros. Os objetivos postos neste texto são: entender como o artesanato esteve presente ao longo da história das mulheres e apresentar alguns dados sobre a atualidade do campo artesanal no Rio Grande do Sul (RS). Cabe ressaltar que no RS não existem cursos técnicos em artesanato na modalidade PROEJA e por isso essa pesquisa constitui-se em uma importante contribuição para o campo da educação de jovens e adultos.

Palavras-chave: artesanato, mulheres, educação de jovens e adultos, PROEJA, Rio Grande do Sul.

A presença das mulheres na história do artesanato

Inicialmente gostaríamos de colocar aqui que estamos nos ocupando da presença das mulheres no artesanato, ou seja, elas são o nosso foco de estudo e por isso entendemos a importância de colocar o entendimento que temos do conceito de gênero ainda que em linhas gerais, pois esse não é o objetivo posto nesse texto. Não obstante o conceito de gênero ainda é um conceito em construção, no entanto, entendemos que gênero é:

Um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico de nosso ser, e, de outro lado, num caráter que vai além do biológico porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião (GEBARA, 2000, p.107).

Levar em consideração esse conceito permitirá entender porque as mulheres se penduram em determinados tipos de atividade de trabalho e os homens em outros tipos ao longo da história da humanidade.

Seguindo, pois, com o estudo sobre a presença das mulheres no artesanato torna-se necessário entender a própria história do artesanato. Dentre inúmeros autores que se dedicam a esse estudo como Santoni Rugiu (1998), Pereira (1979) e que trazem a contribuição em que

destacam o artesanato como modo de produção em diversos povos desde os povos mais primitivos passando pelos povos da Antiguidade como os egípcios, os babilônios, os gregos e os romanos, depois passando pela Idade Média, Moderna e finalmente aos nossos dias. Houve em cada uma dessas épocas os grupos que se destacaram pelo desempenho de atividades específicas (como na cerâmica, na tecelagem, na tapeçaria e etc.). Vale destacar que nesse modo de produção, ou seja, no artesanato, a divisão do trabalho já estava presente desde os povos primitivos. Na Grécia, como por exemplo, durante a Antiguidade, as atividades de trabalho eram distribuídas entre trabalhos masculinos e trabalhos femininos: “de que são exemplos à fiação e a tecelagem, a costura, o bordado e a tapeçaria como atividades femininas, assim como a marcenaria e a confecção de calçados eram atividades masculinas” (PEREIRA, 1979, p. 25).

Observamos a divisão sexual do trabalho nessas sociedades antigas, em especial, na Grécia, em que os trabalhos artesanais ligados ao tecido e a agulha eram trabalhos das mulheres. Isso continuará ocorrendo no percurso da história da sociedade grega, mesmo quando se expandem os sistemas de produção “coexistindo a instituição da manufatura com o trabalhador autônomo e com a indústria doméstica, as famílias continuavam fiando, tecendo e fazendo o pão” (PEREIRA, 1979, p. 26). O que quer dizer que restou às mulheres e as crianças, a tecelagem e os cuidados da casa, bem como a responsabilidade pela alimentação.

Essa divisão dos trabalhos irá acentuar-se durante a Idade Média quando o artesanato, como modo de produção e como atividade produtiva, terá seu apogeu. Nesse período segundo Sennett (2009, p. 72), “o homem do ofício artesanal não aceitava as mulheres como membros das guildas, embora cozinhassem e limpassem na casa das oficinas”. No entanto, para Kergoat et al. (2009) no decorrer do trabalho de historiadores descobriu-se um número crescente de mulheres nas corporações durante a Idade Média, exercendo ofícios feminizados como roupeiras e tecelãs.

Uma compreensão de como a Igreja desempenhou um importante papel ao delegar às mulheres determinadas atividades artesanais é fornecida por Sennett (2009 p. 71-72):

Os patriarcas da Igreja consideravam as mulheres especialmente tendentes à licenciosidade sexual se nada tivessem para ocupar as suas mãos. Este preconceito deu origem a uma prática: a tentação feminina podia ser combatida através de um artesanato específico, o da agulha, fosse na tecelagem ou no bordado, mantendo permanentemente ocupadas as mãos das mulheres.

Com a decadência das corporações, quando o modo de produção artesanal se desorganiza e surge uma nova organização do modo de produção com a Revolução Industrial, as mulheres foram responsabilizadas pelo trabalho doméstico e pelo cuidado dos filhos, a fim

de que os homens pudessem realizar o trabalho fora de casa, nas indústrias e fábricas. No entanto, isso também contribuiu para que as mulheres continuassem nos trabalhos artesanais do tecido e da agulha no âmbito da esfera privada.

A história oficial pouco tem desenvolvido e apresentado sobre a vida das mulheres no que tange ao trabalho realizado por elas, inclusive em relação às atividades artesanais. Certamente isso se deve pelo fato da sociedade reafirmar a mulher como responsável pela esfera privada. Para Michele Perrot (2007), as mulheres ao longo da história da humanidade sempre trabalharam, no entanto, seu trabalho nunca foi visibilizado, ora por realizarem o trabalho doméstico, ora pelo fato da mulher realizar trabalhos artesanais, ou seja, trabalhos realizados na esfera privada, e que por isso, segundo Wanda Maleronka (2007), existem tantas lacunas documentais sobre atividades rotineiramente desenvolvidas pelas mulheres especialmente no campo do artesanato. Os ofícios de tecer e bordar, como, por exemplo, mesmo sendo ofícios reconhecidos, ainda são “trabalhos de mulheres” ou então, simples manualidades, conforme indica Perrot (1978 apud KERGOAT et al., 2009). Vê-se nos estudos de Heleieth Saffioti (1981, p. 21) de que mesmo aqui no Brasil passou-se “a ideologia de que a mulher apresenta mais habilidade manual para o desempenho de tarefas minuciosas”.

No que tange ao trabalho da mulher, historicamente, no Rio Grande do Sul, todo serviço doméstico, o cuidado dos filhos e o provimento de vestimentas para toda a família dependia exclusivamente delas. Segundo Lody (1983, p. 14), “a mulher assume os cuidados da família, da cozinha e do artesanato de subsistência, onde se inclui a tecelagem pelo seu sentido primeiro de útil e de necessário”.

Tem-se encontrado pouca bibliografia referente à presença das mulheres no artesanato. No entanto sabe-se que elas sempre estiveram presentes nesse campo de trabalho e continuam trabalhando nele até hoje.

Dados quantitativos do artesanato no Rio Grande do Sul

Atualmente, o campo educacional ainda desconhece o artesanato no Rio Grande Sul, visto a inexistência de currículos na educação formal voltados para a profissionalização de artesãos bem como a quase inexistência de pesquisas realizadas sobre esse campo de trabalho. Ainda há poucos estudos qualitativos voltados para esse campo. Também são escassos os estudos quantitativos. Nesse sentido, proponho apresentar alguns dados quantitativos fornecidos pela Fundação Gaúcha do Trabalho e Assistência Social (FGTAS) em parceria com o Programa Gaúcho de Artesanato (PGA) que elaboram anualmente relatórios com dados

sobre o artesanato e os artesãos no estado. Esses relatórios são elaborados com base nas fichas cadastrais dos artesãos e se encontram disponíveis para consultas na Casa do Artesão em Porto Alegre.

O último relatório emitido pela FGTAS/PGA em 2011 e que corresponde aos cadastros realizados até 2010 indica um total de 72.865 em que 78% desse total são mulheres e 22% são homens. Os dados relativos à instrução escolar indicam que 43,38% dos artesãos não concluíram seu estudo até o ensino médio, o que pode ser considerado como um índice alto e que 30,56% apresentam o ensino médio concluído. Entre aqueles que avançaram os estudos no ensino superior, se somadas às categorias de ensino superior incompleto, completo e com pós-graduação, alcançam 22,48% do total. O ganho financeiro da maioria dos artesãos é pequeno estando entre um a cinco salários mínimos. A região que apresenta o maior número de artesãos é a Metropolitana Delta do Jacuí seguido do Vale do Rio dos Sinos.

Esses dados tem grande importância, pois permitem, mesmo que de uma maneira generalizada, dar rosto ao artesanato e aos artesãos. Conscientede que para o conhecimento desse campo de trabalho apenas dados como esses que estamos trazendo aqui não são suficientes para entendermos a realidade desse campo de trabalho, são necessários estudos qualitativos fundados na concretude do dia a dia no artesanato.

Considerações para seguir pesquisando

Dada a importância do artesanato na vida das mulheres, proponho investigar junto a mulheres artesãs, que vivem na Região Metropolitana de Porto Alegre, a fim de identificar os principais problemas enfrentados no cotidiano da produção artesanal de tais mulheres, sejam esses problemas de ordem educacional, social, econômica, técnica ou de outras ordens relacionadas com a produção artesanal.

Atualmente, não existem no Rio Grande do Sul, cursos técnicos em artesanato no campo do ensino formal, por isso, justifica-se a realização de uma investigação acerca dos principais problemas enfrentados na produção artesanal. Nesse sentido uma investigação dessas poderá contribuir na elaboração de cursos técnicos em artesanato direcionados para o público feminino que requerem se profissionalizar no trabalho artesanal.

Com essa investigação pretende-se ainda contribuir com a atual condição das mulheres nos grandes centros urbanos e de como as mulheres estão contribuindo na pendurabilidade do artesanato como sistema de produção de bens e de cultura no mundo em que o sistema de

produção fabril é que prevalece, além de identificar ainda processos de ensino e aprendizagem no artesanato e que podem servir para estudos na área da Pedagogia.

Pretende-se usar a metodologia da pesquisa participante, realizando rodas de conversa, observações participantes e também o método dos grupos de discussão com base em Weller (2005).

REFERÊNCIAS

- FUNDAÇÃO GAÚCHA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL - FGTAS. **Programa gaúcho do artesanato: relatório**: 2010. Porto Alegre, [2011].
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KERGOAT, Prisca et al. Ofício, profissão, “bico”. In: HITATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- LODY, Raul Giovanni. **Artesanato brasileiro**: Tecelagem. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.
- MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda**: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920 – 1951). São Paulo: Editora Senac, 2007.
- PEREIRA, José C. **Artesanato**: definições e evolução. Brasília: MTB, 1979.
- PERROT, Michelle. **Minha história sobre as mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Do artesanal ao industrial**: a exploração da mulher. São Paulo: HUCITEC, 1981
- SANTONI RUGIU, Antonio. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SENNETT, Richard. **O Artífice**. Tradução de Clóvis Marques. 2. ed. São Paulo: Record, 2009.
- WELLER, Wivian. **A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa**: aspectos teóricos e metodológicos. Revista sociologias, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 260-300, jan./jun. 2005.

Esquema do pôster

Cabeçalho contendo: título do trabalho, nome da autora e instituição de ensino

Apresentação do trabalho ao lado

Objetivos

Justificativa

Metodologia

Considerações Finais